

**BLUE SKIES / 1946**  
Céu Doirado

*um filme de STUART HEISLER*

*Realização:* Stuart Heisler *Argumento:* Arthur Sheekman, Allan Scott a partir de uma ideia original de Irving Berlin *Fotografia* (35 mm, Technicolor, 1:1,37): Charles Lang Jr., William Snyder *Som:* Hugo Grenzbach, John Cope *Montagem:* LeRoy Stone *Música e letras:* Irving Berlin *Direcção musical:* Robert Emmett Dolan *Arranjos vocais:* Joseph J. Lilley *Coreografias:* Hermes Pan *Supervisão cor Technicolor:* Natalie Kalmus *Direcção Artística:* Hans Dreier, Hal Pereira *Cenários:* Sam Cimer, Maurice Goodman *Guarda-roupa:* Waldo Angelo *Efeitos fotográficos especiais:* Gordon Jennings, Paul K. Lerpae *Interpretação:* Bing Crosby (Johnny Adams), Fred Astaire (Jed Potter), Joan Caulfield (Mary O'Hara), Billy De Wolfe (Tony), Olga San Juan (Nita Nova), Mikhail Rasumny (François, não creditado), Frank Faylen (Mack, não creditado), etc.

*Produção:* Paramount Pictures (EUA, 1946) *Produtor:* Sol C. Siegel *Cópia:* digital, cor, falada em inglês e legendada eletronicamente em português *Duração:* 103 minutos *Estreia:* 16 de Outubro de 1946 *Estreia comercial em Portugal:* 2 de Julho de 1948, Éden, Lisboa *Primeira apresentação na Cinemateca.*

---

Duas ideias para ligar o espírito do espectador A BLUE SKIES? O número sapateado de Fred Astaire multiplicado pelo reflexo de onze (dois mais nove) espelhos sob fundo lilás (os nove reflexos que surgem depois de abertas as duas portadas-espelho que dão para o salão vazio) com a elegância de sempre. As canções de Irving Berlin – A Pretty Girl Is Like a Melody, I've Got My Captain Working for Me Now, You'd Be Surprised, All by Myself, Serenade to an Old-Fashioned Girl, Puttin' On the Ritz – o tema do número sapateado de Astaire com os seus reflexos –, (I'll See You in) C-U-B-A, A Couple of Song and Dance Men, You Keep Coming Back Like a Song, Blue Skies, Nightclub Montage, Everybody Step, How Deep Is the Ocean?, (Running Around In Circles) Getting Nowhere, Heat Wave, Wartime Medley, You Keep Coming Back Like a Song/Blue Skies (reprise). (pelo menos)

O musical e o Technicolor vão bem. Pela justeza da exaltação da vida, elevada pela música, a canção, a dança na intensidade da vibração tri-cromática do processo tecnológico que marcou boa parte da História do cinema em Hollywood do início dos anos 1930 a meados dos 50 burilando, em delírio, a derivação cinematográfica das variedades de palco. Acrescente-se, da linhagem histórica, que no rasto do primeiro *talkie*, THE JAZZ SINGER (1927) e das primeiras experiências com o sistema de duas cores (verde e vermelho) surgido em 1916-17. É rigoroso fazer passar a linha pelo trabalho coreográfico de Busby Berkeley, pela dupla dançarina de Fred Astaire e Ginger Rogers, pelos títulos em que primeiro confluíram as duas dimensões, género e tecnologia, em registo animado e em modo efabulado – SNOW WHITE AND THE SEVEN DWARFS de Walt Disney (1937) e THE WIZARD OF OZ de Victor Fleming (1939). Foi o começo de uma bela aliança, navegada pelos estúdios sobre a leveza cintilante de estrelas como Fred Astaire e Bing Crosby, e a reverberação graciosa de escritores de canções como Irving Berlin.

BLUE SKIES é um musical em Technicolor, inspirado numa ideia e com canções de Berlin, com Crosby e Astaire nos papéis de Johnny e Jedd, dois amigos numa trajectória de vida em que o companheirismo fraternal e artístico compõe um triângulo com uma mulher por quem ambos estão apaixonados e que só está apaixonada por um deles. Maria, interpretada por Joan Caulfield (corista), conta com a presença incondicional do amigo confiável (o bailarino) quando o amigo da inquietude (cantor e proprietário de consecutivos clubes nocturnos em diferentes pontos geográficos), com quem casa, tem uma filha e de quem se separa, falha consecutivamente as expectativas de uma vida familiar estável que, aliás, nunca promete. Tal e qual como num Wellman não-musical em Technicolor em que a narrativa fixa, não o meio artístico mas o da aviação e da guerra: filmado para a Paramount, MEN WITH WINGS (1938), compõe, agrupado a A STAR IS BORN e NOTHING SACRED (1937), duas produções Selznick, um trio fabuloso da filmografia do cineasta e do trabalho cromático no

processo Technicolor. A associação vem claramente à superfície dada a proximidade das retrospectivas Wellman e Stuart Heisler na Cinemateca. E também pelo *raccord* imediato do genérico de nuvens que une os inícios de MEN WITH WINGS e BLUE SKIES – no caso deste, sob a direcção de fotografia de Charles Lang, Jr., um elemento valioso da Paramount, onde nos anos 1930 e 40 imprimiu um estilo de iluminação reconhecível a partir de A FAREWELL TO ARMS de Frank Borzage.

BLUE SKIES, ou melhor, IRVING BERLIN'S BLUE SKIES *starring* Bing Crosby, Fred Astaire e Joan Caulfield, abre com essas nuvens brancas sobre azul-vivo, mancha a que se sobrepõe o arranha-céus pelo qual a câmara desce em contra-picado para se ir concentrar no estúdio radiofónico onde a personagem de Astaire se apresenta como o narrador da história que passa a contar no primeiro de vários *flashbacks*. A premissa é verbalizada como promessa: passar-se-ão em revista algumas páginas do “álbum de canções” de Irving Berlin, “canções que reflectem uma época da vida americana” e que consigo trazem “uma multitude de recordações”. Incluindo a da ficção situada entre as duas guerras mundiais que a personagem de Jed soletra movido por “uma história inacabada porque as pessoas que a protagonizam são reais e as pessoas reais têm jeito para viverem histórias inacabadas”. A narrativa começa, então, com *A Pretty Girl Is Like a Melody*, desenrolando-se sob o imaginário e acordes de Berlin. É que – última nota de contexto dos estúdios – a produção dirigida por Sol C. Siegel na Paramount assentava na ideia de voltar e continuar HOLIDAY INN (Mark Sandrich, 1942), já construído à volta de uma ideia e das canções de Irvin Berlin, com Bing Crosby, Fred Astaire e Marjorie Reynolds. O estúdio quis bisar a fórmula. E bisou, não com Sandrich, o realizador inicialmente indicado, por morte deste, mas com Stuart Heisler, que concluiu o “meta-western” ALONG CAME JONES e cujo trabalho Siegel conhecia de AMONG THE LIVING. “A Paramount Melody masterpiece featuring all the Irving Berlin greatest hits.”

Fred Astaire narra e dança, Bing Crosby canta; no papel de Nita Nova Olga San Juan também canta e Billy De Wolfe, Tony, o fiel escudeiro de Johnny, encarna os momentos de riso em BLUE SKIES devidamente caracterizado consoante os motivos dos clubes nocturnos que anima como mestre-de-cerimónias-chefe-de-sala. Astaire e Crosby movimentam-se na relação de linhas rectas triangulares em que Joan Caulfield é o terceiro vértice. Se a história propõe o trivial, nos amores desencontrados, nas amizades não curto-circuitadas, a construção musical em Technicolor é extraordinária. Aqui estão, no mais puro estilo da Hollywood clássica, a exaltação da vida elevada pela música, a canção, a dança na intensidade da vibração tri-cromática acima mencionados como características amplas. Participando da narrativa das paixões das personagens, colados à representação do repertório de Berlin, a inspiração dos números cantados e dançados, a inspiração fotográfica e cromática *fazem* o batimento de BLUE SKIES. As imagens refulgem, *bigger than life*.

Entre todos os números, vibra em especial o que serve para bater a tristeza, Puttin' On the Ritz, o solo de Fred Astaire que interpreta partir da canção escrita em 1927 que deu título a um pré-Código de 1930 (com Harry Richman, Joan Bennett e uma sequência em Technicolor). A expressão idiomática refere luxo ou extravagância. A elegância nata de Fred Astaire é nesse solo trajada a rigor escuro e claro, fraque e cartola, camisa e polainas brancas, laço de seda azul, rosa branca na lapela, bengalinha de madeira como adereço coreográfico. A delicadeza assertiva dos movimentos no átrio de hotel salta para o salão lilás onde o original Astaire vai pôr-se (ou quase) em sintonia com o caleidoscópio dos seus reflexos até à salva de palmas e descida da cortina prateada que o devolvem aos bastidores de teatro onde a história continua até ao próximo número. Face ao desdobramento da própria imagem rodopiante, ligeira, abissal. É o cinema.

Can't run away from you, dear  
I've tried so hard but I fear  
You'll always follow me near and far  
Just when I think that I'm set  
Just when I've learned to forget  
I find myself right back where you are

(You Keep Coming Back Like a Song)

Maria João Madeira